



SEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS: A REVISTA *CAPRICH*O ENQUANTO UM ARTEFATO CULTURAL NA SALA DE AULA

SEXUALITY IN SCIENCE TEACHING: MAGAZINE *CAPRICH*O AS A CULTURAL ARTIFCAT IN THE CLASSROOM

Benícia Oliveira da Silva¹

Paula Regina Costa Ribeiro²

1 Universidade Federal do Rio Grande - FURG/Instituto de Educação/PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, benicia_silva@yahoo.com.br

2 Universidade Federal do Rio Grande - FURG/Instituto de Educação/PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, pribeiro@vetorial.net

Resumo

Neste trabalho tenho como propósito discutir a revista *Capricho* como artefato cultural no ensino de ciências. Em minhas discussões, contemplo esta revista como uma pedagogia cultural que produz e divulga significados acerca da temática sexualidade, operando não apenas como fonte de informação ou entretenimento, mas como uma ferramenta no ensino de ciências e biologia, propiciando a abordagem de assuntos como: cuidados com o corpo, gravidez não planejada, relacionamentos, DST, etc., problematizando diferentes representações e significados atribuídos a sexualidade que circulam em nossa sociedade, a partir do entendimento de sexualidade como uma produção que se dá nos acontecimentos históricos e culturais. Nos currículos, esta temática é predominantemente atrelada ao discurso biológico, legitimando o conhecimento científico como único e verdadeiro. Nesse contexto, proponho um ensino que atue de forma integradora e contextualizada, articulando múltiplas formas pedagógicas de aprendizagem, não se limitando apenas ao espaço escolar e seus objetos didáticos.

Palavras - chave: Ensino de ciências, artefatos culturais, sexualidade, revista *Capricho*.

Abstract

This work intends to discuss the magazine *Capricho* as a cultural artifact in Science teaching. In my discussions, I contemplate this magazine as a cultural pedagogy which produces and advertises meanings about the theme sexuality, operating it not only as a source of information or entertainment, but also as a tool in teaching Biology and Science,

providing the approach of issues such as: body care, unplanned pregnancy, relationships, STDs, etc., problematizing different representations and meanings attributed to sexuality that circulate in our society, understanding the sexuality as a production which happens in the historical and cultural events. In the curriculum, this theme is predominating attached to a biological discourse, legitimating the scientific knowledge as single and true. In this context, I propose a way of teaching which plays an integrating and contextualized role, articulating multiple pedagogical alternatives of teaching, not limiting itself to the school space or its pedagogical objects.

Keywords: Science teaching, cultural artifacts, sexuality, magazine *Capricho*.

ARTEFATOS CULTURAIS NA SALA DE AULA

Em minha pesquisa de mestrado¹ busco investigar como os discursos midiáticos atravessam a adolescência feminina, em especial suas sexualidades², tendo como fonte de análise a seção intitulada *Sexo* da revista *Capricho*. O objetivo desta análise é pesquisar como os discursos³ presentes neste artefato cultural produzem modos de viver a sexualidade em meninas adolescentes.

Entendem-se como artefatos culturais produções e práticas culturais que produzem e divulgam significados. Peças publicitárias, músicas, comunidades da internet, videoclipes, charges, revistas, jornais, programas televisivos e radiofônicos, são exemplos destes artefatos, que por sua vez, constituem pedagogias culturais.

Na perspectiva cultural, consideram-se como pedagogias processos sociais que ensinam, não se limitando apenas ao espaço escolar – ao contrário, estendem-se a todos aqueles espaços sociais implicados na produção e no intercâmbio de significados (HALL, 1997). Nessa direção, Silva (2002) destaca que as diferentes instâncias e práticas culturais encontram-se na produção de significados que, ao inscreverem nos corpos gestos, atitudes, valores, prazeres e desejos, produzem os sujeitos.

Meus estudos têm sido fundamentados no campo teórico dos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas, o qual é instituído como um campo de teorização e investigação que centra suas análises em dimensões culturais existentes nas práticas sociais, entendendo as práticas culturais como produtoras de significados.

Logo, enquanto sujeitos, somos interpelados por diferentes discursos por estarmos inseridos em múltiplas instâncias sociais como: a família, o bairro, a igreja, o clube, a mídia, etc..

[...] Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes,

¹ A dissertação é desenvolvida no PPG Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde (associação ampla FURG, UFRGS, UFSM).

² Em nossos estudos usamos sexualidades no plural, pois buscamos problematizar e discutir sobre as diferentes possibilidades de se viver a sexualidade, entendendo assim, que a sexualidade está relacionada à forma como vivemos nossos desejos e prazeres socialmente e não somente ao ato sexual.

³ Na perspectiva foucaultiana os discursos não descrevem simplesmente objetos, mas produzem os objetos sobre os quais falam. O importante não é defrontarmos o discurso e o objeto ao qual se refere, mas examinarmos quais são seus efeitos de verdade, isto é, determinar como eles são tomados como verdades.

alternativas e contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. (LOURO, 2007, p. 25).

Quando o tema em pauta é sexualidade, essas pedagogias vêm funcionando como estratégias⁴ para o controle dos comportamentos dos indivíduos – “use camisinha”, “não transe”, “cuide de seu corpo”, “conheça os métodos anticoncepcionais”, “Aids mata”... Para Ribeiro (2002, p. 75),

nessa discursividade, a sexualidade tem ficado ligada à aquisição de conhecimentos científicos (categorizações e descrições) dos sistemas reprodutores e a genitalidade – atributo biológico compartilhado por todos, independente de sua história e cultura. Assim, os discursos científicos engendram a sexualidade como um atributo de natureza biológica, vinculada às características anatômicas, internas e externas, dos corpos, fixando nessas características a sexualidade e as diferenças atribuídas aos homens e mulheres.

A intensificação das preocupações com a orientação sexual na escola devido ao alto índice de gravidez entre crianças e adolescentes atrelados à proliferação do vírus HIV e de outras doenças sexualmente transmissíveis, a sexualidade foi inserida no âmbito curricular como um tema transversal, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Embora presente nos PCN, o que por algum momento possa ser considerada um avanço, a sexualidade é abordada, neste documento, como um dado natural e inerente do qual os sujeitos precisam ser informados.

Nesse sentido, embora a temática sexualidade esteja

na ‘ordem do dia’ da escola” [...] ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas. (ALTMANN, 2001).

As práticas pedagógicas atuantes nas escolas ainda têm muito de suas constituições respaldadas a discursos socialmente normalizadores e naturalizados acerca do tema sexualidade.

Entendo que o método de ensino-aprendizagem não deve ser unilateral, no qual o professor é a fonte soberana de conhecimento, acredito na importância de desconfiar de todo e qualquer tipo de hegemonia. No campo da educação e especificamente no ensino de ciências alguns modelos hegemônicos precisam ser problematizados: o professor como tutor do conhecimento; o conhecimento científico como o detentor da verdade e o livro didático como ferramenta única de ensino.

Acredito, enquanto educadora, na importância de oportunizar espaços para todos os conjuntos de práticas e discursos, independente de suas vozes e fontes. Contudo, é necessário discutir quais as relações entre eles: quais entendimentos os alunos têm a respeito de determinado conteúdo; que relações podem ser estabelecidas no dia a dia a partir dos conteúdos discutidos; como os artefatos abordam determinados temas e conteúdos;

⁴ Utilizo estratégia num sentido foucaultiano, como um mecanismo de poder que têm como finalidade o controle da ação dos outros.

o quanto de crença, valores, política etc., tem o conhecimento científico e o quanto “de científico” têm os outros discursos e práticas. É a partir dessa perspectiva que podemos tomar as “categorias” biológicas de organismo, corpo, natureza, “evoluído/não evoluído (primitivo)”, sexo, raça etc., [...], como construções históricas, portanto humanas e contingentes [...]. (SANTOS, 2004, p. 238-239).

Deste modo, justifico a utilização da revista *Capricho* não apenas como fonte de informação ou entretenimento, mas como uma relevante ferramenta didático-pedagógica no ensino de ciências e biologia. Este artefato é constituído como uma pedagogia cultural no qual estão presentes “ensinamentos”, sobre sexualidade, gênero, corpo e tantos outros aspectos que constituem sujeitos de uma determinada cultura. Em suas páginas, é possível encontrar conteúdos acerca da temática sexualidade não apenas pelo ponto de vista biológico, mas também como “um dispositivo⁵ histórico e contingente que reúne práticas sociais em torno do corpo, seus usos e prazeres” (FOUCAULT, 2005).

Portanto, além de possibilitar a inserção da temática sexualidade nas salas de aula, a revista *Capricho* possibilita ao educador abordar assuntos como: cuidados com o corpo, drogas, distúrbios alimentares, gravidez não planejada, relacionamentos, DST, identidades sexuais e de gênero, homofobia, e outros, problematizando as diferentes representações e significados atribuídos a sexualidade que circulam em nossa sociedade.

SEXUALIDADE NOS PARÂMETROS CURRICULARES

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental de ciências aponta como objetivo geral, entre outros, a abordagem da temática Orientação Sexual⁶ dentro e entre todas as áreas disciplinares. Nesse sentido, os PCN se propõem a apresentar materiais de apoio viabilizando o desenvolvimento das práticas, estudos e reflexões por parte dos professores.

[...] toda atividade de sala de aula é única, acontece em tempo e espaço socialmente determinados; envolve professores e estudantes que têm particularidades quanto a necessidades, interesses e histórias de vida. Assim, os materiais de apoio ao currículo e ao professor cumprem seu papel quando são fonte de sugestões e ajudam os educadores a questionarem ou a certificarem suas práticas, contribuindo para tornar o conhecimento científico significativo para os estudantes (BRASIL, 1998).

Este trecho do PCN instiga a pensar o processo educativo sob dois aspectos diferentes: 1º) quanto uma construção cultural e sócio histórica e 2º) contrapondo o primeiro, quanto uma prática demarcada pelos discursos cientificistas, que considera apenas os conhecimentos ditos científicos como válidos e verdadeiramente significativos.

A ancoragem da sexualidade na biologia costuma ser mais resistente do que ocorre em relação ao gênero. A aceitação da existência de uma matriz biológica, de algum atributo ou impulso comum como se constituindo na origem da

⁵ Foucault entende por dispositivo um conjunto de estratégias de poder e saber que se ligam a determinados discursos para que exerçam efeitos de verdade.

⁶ Ao nos referirmos à Orientação Sexual estamos fazendo referência “ao processo formal e sistematizado que pode e deve ocorrer dentro da instituição escolar.” (VALLADARES, 2005, p. 81-82).

sexualidade humana persiste em algumas teorias. Quando isso ocorre, opera-se com uma noção universal e trans-histórica da sexualidade e, muitas vezes, remete-se ao determinismo biológico. (LOURO, 2006, p.7).

Ao levantar essas questões não pretendo diminuir a importância dos conhecimentos científicos e tampouco negar sua significação para o desenvolvimento e construção do saber dos sujeitos enquanto alunos/as. O que proponho é problematizar esses conhecimentos a fim de discutirmos que os mesmos são construções históricas e culturais. Aqui, reforço a idéia de que todo processo de construção de significados atua como uma pedagogia de ensino. Os fatores, espaço e tempo, devem ser considerados para buscarmos aproximação a quem de alguma forma queremos interpelar.

Nos PCN, é possível identificar a sexualidade sendo abordada imbricada a discursos normalizadores, atrelada a visão biologicista do corpo. No artigo intitulado “Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais”, Helena Altmann faz uma análise dos PCN, buscando identificar a concepção de sexualidade ali presente. A seguir, segue um recorte do artigo:

[...] a orientação sexual é entendida como sendo de caráter informativo, o que está vinculado à visão de sexualidade que perpassa o documento. A sexualidade é concebida como um dado da natureza, como “algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida”. Fala-se em “necessidade básica”, “em potencialidade erótica do corpo”, “em impulsos de desejo vividos no corpo”, sobre o que os sujeitos, principalmente os adolescentes, precisam ser informados [...] indicativos normalizadores da sexualidade. Ela é vista sob o ponto de vista biológico, atrelada às funções hormonais. Quanto à experimentação erótica, à curiosidade e ao desejo, estes são considerados comuns, quando a dois. A potencialidade erótica do corpo a partir da puberdade é concebida como centrada na região genital, enquanto que, à infância, só é admitido um caráter exploratório pré-genital. Os conteúdos devem favorecer a compreensão de que o ato sexual, bem como as carícias genitais, só têm pertinência quando manifestados entre jovens e adultos. (2009).

Observando a citação apresentada acima, percebo que a partir da inserção do tema transversal Orientação Sexual, institui-se não apenas um meio de incluir a temática sexualidade no âmbito escolar, mas também um dispositivo de controle sobre as formas dos sujeitos viverem suas sexualidades, reduzindo-a a uma disciplina⁷ do corpo. O que aproxima à justificativa da implantação deste tema transversal nos PCN - o alto índice de gravidez adolescente e a preocupação da disseminação do vírus HIV e DST.

Embora presente no currículo e tendo uma série de modelos metodológicos nos PCN, a sexualidade ainda é vista como um problema a ser abordado em nossas salas de aula. Ainda que muitas vezes optemos por negar sua presença, somos a todos os instantes interpelados pelos diversos enunciados. Para Ribeiro,

[...] na escola, fala-se rotineiramente na sexualidade: por um lado, através das disposições dos corpos, nas filas e na sala de aula, nos jogos e nas brincadeiras, nas atitudes de meninos e meninas e, na organização dos espaços escolares; por outro lado, naquelas situações instituídas pelo discurso autorizado e seu porta voz através de distintas estratégias. (2008, p. 23).

⁷ Aqui utilizo disciplina como sinônimo de matéria específica de ensino.

Se analisarmos o histórico do tema Orientação Sexual em nossa sociedade é possível observar que o vínculo ao conhecimento científico atrelado aos discursos comportamentais de cuidados com o corpo não são estratégias tão atuais de abordagem acerca desta temática. Veremos que há décadas atrás esses discursos foram responsáveis pela introdução de tais temáticas no currículo atual.

Nos livros didáticos a sexualidade vem sendo abordada atrelada ao discurso biológico, que é considerado um dos discursos autorizados⁸ na escola para falar sobre sexualidade, pois esses discursos são respaldados pelo conhecimento científico, o que lhes assegura uma veracidade incontestável.

Segundo Paula Ribeiro,

Integrado a esse discurso atuam outros, como o da família-reprodução, em que a sexualidade encontra-se fixada na reprodução, o que torna necessário o discurso biológico como mecanismo de controle da sexualidade e manutenção da família nuclear (branca heterossexual, cristã). Articulam-se aí também os discursos de criança inocente e assexuada e da sexualidade como ato sexual, desconsiderando as aprendizagens das crianças/adolescentes nas suas experiências cotidianas nos programas de televisão, nas brincadeiras, no convívio com a família e com os amigos em que são inscritos determinados atributos sociais maneiras de agir, vestir, brincar, de ter prazer e desejos em seus corpos, configurando suas sexualidades. (2008, p. 22-23).

Neste artigo, entendo a sexualidade numa perspectiva, na qual ela é tomada como produzida nos acontecimentos históricos e culturais das experiências das pessoas, ao correlacionar nos corpos comportamentos, linguagens, representações, crenças, identidades. Para Weeks (1993, p. 21), “não podemos esperar entender a sexualidade observando simplesmente seus componentes ‘naturais’. Esses só podem ser entendidos e adquirir significado graças a processos inconscientes e formas culturais. A ‘sexualidade’ é uma experiência histórica e pessoal”.

A proposta de (re)pensar novas estratégias de abordar e discutir a sexualidade na sala de aula pode parecer difícil, mesmo porque falar sobre sexualidade seja qual for o espaço, nem sempre é uma tarefa fácil.

Nesse sentido, busco discutir a revista *Capricho* como uma possível aliada nessa tentativa de pensar em novas práticas e abordagens acerca desta temática a partir dos seguintes aspectos: entendendo este artefato como produtor e divulgador de saberes, conhecimentos, formas de pensar e agir; reconhecendo sua grande circulação entre crianças e adolescentes e assumindo que os discursos midiáticos têm capacidade de longo alcance, interpellando múltiplas raças, contextos sociais, idades, sexo...

Para Fischer:

É possível imaginar que a mídia funcionaria, em nossa época, como uma espécie de lugar de superposição de “verdades”, justamente por ter se transformado em um local privilegiado de produção, veiculação e circulação de enunciados de múltiplas fontes, sejam eles diretamente criados a partir de outras formações, sejam eles gerados nos próprios meios. Uma de suas características principais é que, nela, por uma razão basicamente do alcance das tecnologias investidas nesse

⁸ Dentre os discursos autorizados para falar de sexualidade nas escolas, podemos citar: palestras, oficinas, vídeos e outros em que a sexualidade é discutida por especialistas como os médicos, enfermeiros, psicólogos, profissionais de organizações não governamentais e professores de ciências e biologia.

campo, qualquer discurso, materializado em entrevista de TV, cena de telenovela, reportagem de jornal, coluna de revista feminina, é passível de ter sua força de efeito ampliada, de uma forma radicalmente diferente do que sucede a um discurso que, por exemplo, opera através das páginas de um livro didático ou de um regulamento disciplinar escolar. (1996, p.123).

Portanto, destaco a importância de considerar os artefatos culturais, em especial, neste texto, a revista *Capricho*, como um importante recurso para inserir temas como a sexualidade no âmbito escolar.

Entender este artefato, bem como o livro didático e os PCN como invenções/construções auxilia no processo de desnaturalização, o que não significa negar seus discursos ou classificá-los como verdadeiros ou falsos, bons ou ruins, mas sim proporcionar um espaço em que se problematize como e por que estes discursos chegaram a nós hoje da forma que o são.

Desnaturalizar o ensino de ciências e biologia compreende admitir que seus conteúdos não surgiram naturalmente, mas que foram construídos “no tempo, tendo suas marcas, compreensões e valores...” (SANTOS, 2004). Estudar a sexualidade como algo materializado, fixa no tempo, reduz os sujeitos a uma especificidade singular que nega suas historicidades e os descreve e os produz como universalmente iguais.

A REVISTA *CAPRICO*: UM ARTEFATO CULTURAL PARA A SALA DE AULA

Assim como outras instâncias, a mídia desempenha um papel pedagógico cultural, atuando como um meio de produção e divulgação de discursos acerca da sexualidade adolescente.

Em minha pesquisa de mestrado tenho como objetivo analisar a seção intitulada *Sexo* da revista *Capricho* e pesquisar como os discursos presentes neste artefato cultural produzem modos de viver a sexualidade em meninas adolescentes.

A revista *Capricho* é um dos artefatos midiáticos voltada ao público feminino adolescente, que por meio de seus discursos vem produzindo modos das adolescentes viverem suas sexualidades, interpelando-as e ensinando-as uma “certa forma” de ser e estar na sociedade.

Segundo Melo e Tosta,

a mídia possui uma vocação socializadora. Ela tem o poder de disseminar bens culturais, símbolos, imagens e sons, tornando-os comuns a toda a população. Mas nada disso poderia ser feito se ela claudicasse em sua função econômica, ou seja, na medida em que não estivesse atenta aos mecanismos de financiamento da produção. Não se faz socialização cultural sem ter por trás que pague a conta. (2008, p. 37).

Fazer uso da citação acima não implica negar que a mídia revela o que está posto na sociedade de consumo⁹, ou seja, a mídia não deixa de ser um reflexo das identidades adolescentes e sexuais juvenis. Porém, não pretendo discutir aqui quem é o espelho de

⁹ O consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Esta caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que o simples exercício de gostos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos moralistas ou atitudes individuais, tal como costumam ser explorados pelas pesquisas de mercado (CANCLINI, 2005, p. 60).

quem, mas sim problematizar como os discursos que a mídia produz e divulga interpelam a adolescência feminina.

As estratégias de *marketing* utilizadas pelas instâncias comerciais para atrair o público desejado são múltiplas, porém, todas têm algo em comum: fazer com que acreditemos que sem determinado produto não poderemos viver.

A necessidade de pertencer a determinados grupos é um sentimento constante durante a adolescência, fato que torna estes sujeitos como principais alvos da publicidade, que através da mídia torna tudo o que é tipo de produto essencial, incitando o consumo destes “como forma de pertencimento e identificação entre os membros de determinados grupos sociais.” (QUADRADO, 2006, p. 33).

A escolha da revista *Capricho* pode ser relacionada ao acaso de ter sido a primeira¹⁰ revista, voltada ao público adolescente, que identificamos uma seção intitulada *Sexo*, além de esta ter sido a primeira revista feminina do Brasil¹¹ e ainda, segundo o site da revista

é a maior marca teen do país! É uma das únicas marcas teen, do mundo, a assinar revista, site, eventos e produtos variados com liderança absoluta em cada uma dessas plataformas. São 200 mil revistas por mês (com crescimento de 41% na circulação em 2008), 20 mil meninas em seus eventos de moda e música, quase 8 milhões de produtos licenciados vendidos no ano (underware, maquiagem, perfume, agenda etc.) e a maior audiência e time spent entre sites para jovens meninas. (SITE *CAPRICH*O¹², 2009).

Assim como a revista, a seção *Sexo* é publicada quinzenalmente. Sendo assim, a cada edição a coluna apresenta um assunto diferente relacionado à temática sexualidade. Os temas abordados são referentes a anseios, situações de constrangimento, camisinha, anticoncepcional e outros relacionados, quase que em sua totalidade, aos momentos antes, durante e depois de transar.

As análises vêm sendo realizadas desde agosto de 2008 e seguirão até agosto de 2009. Até então, esta sendo possível observar o quanto a temática sexualidade está mergulhada neste artefato cultural.

Não apenas na seção *Sexo*, mas também em outras páginas da revista, o discurso marcado pelo determinismo biológico¹³ se faz presente tanto quanto o uso dos discursos e das vozes autorizadas, aos quais se conferem as verdades e o que é certo ou errado. O que não a torna menos rica, nem menos interessante em contribuições.

Abaixo, apresento uma tabela com o título - tema central - de algumas edições da seção *Sexo* com suas respectivas datas de publicação e possibilidades de abordagem:

Data de publicação	Título	Possibilidades de abordagem
12/10/2008	Pílula do dia seguinte - Fique esperta: ela não é 100% eficiente	Métodos contraceptivos; Gravidez não planejada; Aborto; Sistema genital feminino e masculino; Maternidade e paternidade na juventude.
26/10/2008	Ele está pelado! Como encarar o garoto quando ele tira a roupa?	Diferenças entre os corpos masculinos e femininos; Relações sexuais; Relacionamento; Abuso sexual.

¹⁰ Hoje já sabemos que na Revista *Atrevida* também existe uma seção com o mesmo nome, porém a dinâmica com o público é diferente.

¹¹ Esta e as demais informações a respeito da Revista *Capricho* foram retiradas do site da revista, disponível em <http://capricho.abril.com.br/>.

¹² As informações a respeito da Revista *Capricho* foram retiradas do site da revista, disponível em <http://capricho.abril.com.br/>

¹³ Esses discursos presumem que nossas vidas são determinadas pelas características de nossos corpos, a partir de uma matriz biológica.

21/12/2008	Claro que tem que usar! A camisinha te ajuda a relaxar antes, durante e depois da transa	Métodos contraceptivos; DST/Aids; Responsabilidade pela prevenção; Maternidade e paternidade na juventude.
4/01/2009	Me toque! Você já passou a mão nele?	Abuso sexual.
29/03/2009	Que medo! Dá pra ficar numa boa quando assunto é sexo?	Significados e representações acerca da temática sexo.
12/04/2009	Ele disse não! O garoto sempre fez de tudo para transar, até que...	Determinismo biológico nas relações de gênero.

A partir da tabela acima, é possível observar que os temas abordados nesta seção são referentes a anseios, situações de constrangimento, camisinha, anticoncepcional e outros relacionados, que oportunizam a inserção e problematização da temática sexualidade em todos os seus entendimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que não apenas os livros didáticos e os PCN, mas também outras práticas culturais, como a revista *Capricho*, se valem dos discursos biológicos para legitimar seus conteúdos. Por meio de seus discursos, estas práticas vão modelando formas particulares e muitas vezes únicas de conhecimento e de organização social, estabelecendo assim, quais conhecimentos são válidos e legítimos e quais conhecimentos devem ser ensinados.

Moldar formas e tipos de conhecimentos e organizações sociais pode embutir “noções sobre quais os grupos sociais legitimados, a ponto de poderem representar a si e aos outros ou ainda quais os grupos sociais que são apenas representados ou até mesmo totalmente excluídos de qualquer representação.” (SOUZA, 1999).

Nos currículos, as relações de sexualidade nem sempre são contempladas, porém, são atravessadas ingenuamente ou propositalmente despercebidas, muitas vezes na ilusão de serem caladas e mascaradas, sem perceber que estas questões são a todo o momento “encostadas”/tocadas, nas múltiplas relações sociais e institucionais.

Para Silva (1999), “o currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz”, por meio do exercício de pedagogias da sexualidade, de gênero e do corpo. Entretanto, é preciso, quando se fala em currículo, ir além das escolas e demais instâncias de ensino, pois as instituições de ensino já não são os únicos espaços privilegiados nos quais operam a pedagogia e o currículo. Atualmente, “torna-se imprescindível voltar à atenção para outros espaços que estão funcionando como produtores de conhecimentos e saberes, e a mídia é apenas um desses exemplos.” (SABAT, 2001).

Assim, abordo a revista *Capricho* como uma pedagogia cultural que produz e divulga significados acerca da temática sexualidade e outras questões. Operando não apenas como fonte de informação e/ou entretenimento, mas como uma importante ferramenta no ensino de ciências e biologia, propiciando a abordagem de assuntos como: cuidados com o corpo, gravidez não planejada, relacionamentos, DST/Aids, métodos contraceptivos, abuso sexual, etc., problematizando diferentes representações e significados atribuídos a sexualidade que circulam em nossa sociedade.

Nesse sentido, para que seja possível ensinar ciências de forma integradora e contextualizada, tanto no âmbito social quanto em relação aos conteúdos conceituais, se faz necessário articular as diferentes formas pedagógicas de aprendizagem. Entendo como pedagógicas todos os processos sociais que ensinam, ou seja, que produzem e/ou divulgam significados, não se limitando apenas ao espaço escolar e seus objetos didáticos. Integrar e relacionar os gêneros, as sexualidades, o corpo e a educação são desafios quem sabe intermináveis. Porém, buscar o diálogo procurando integrá-los de forma a nos encaminharmos a uma educação e uma sociedade diversificada, menos sexista, preconceituosa e universal, nos aproxima ao que, hoje, considero ideal em nível educacional e social.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação Sexual nos parâmetros curriculares nacionais. In: **Revista Estudos Feministas**, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2001000200014&script=sci_arttext&tlng=ptpt. Acesso em: 20 de abril de 2009.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e Quarto ciclos. Ciências Naturais**, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 2009.

CAPRICHIO, Revista. Disponível em: <http://capricho.abril.com.br/>. Acesso dia: 11 de abril de 2009.

CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Porto Alegre: UFRGS, 1996. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert. e RABINOW, Paul. **Michel Foucault - uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.). **Representation. Cultural Representations and Signifying Practices**. Sage: Open University; London; Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. Trabalho encomendado - Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. In: **29ª Reunião anual da Anped GT 23 - Gênero, sexualidade e educação**, 2006. Disponível em: http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_29.pdf. Acesso em: 2 de maio de 2009.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

QUADRADO, Raquel Pereira. **Adolescentes: Corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo**. Rio Grande: FURG/PPGEA, 2006. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande. 2006.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Curso corpos, gêneros e sexualidades: um espaço de narração, discussão e compartilhamento de experiências. In: **Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia...** . Rio Grande: FURG, 2008.

_____. **Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental**. Porto Alegre, 2002, p. 113, Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. In: **Revista Estudos Feministas**, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>. Acesso em: 27 de abril de 2009.

SANTOS, Luís Henrique dos. A Biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** . Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOUZA, Jane Felipe Ferreira de. Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil. In: **22ª Reunião Anual da ANPED GT7 - Educação infantil**, setembro de 1999. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/anped99.html>. Acesso em: 20 de abril de 2009.

VALLADARES, Katia Krepsky. **Sexualidade: professor que cala nem sempre consente**. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

WEEKS, JEFFREY. **El malestar de la sexualidade: significados, mitos y sexualidades modernas**. Madrid: TALASA, 1993.